



TEREZA CRUVINEL • de Brasília

Fernando Henrique

• Embora os eleitores possam sempre contrariar as pesquisas, elas recomendam considerar como primeira possibilidade a reeleição do presidente FH hoje. Lá se vai o tempo em que FH e seus aliados buscavam a consagração. "Vitória feia não serve", disse lá atrás o senador Antônio Carlos. Agora, virá pela maior confiança em FH diante da crise. Beleza não é mais fundamental. Não torna menos feio o cenário pós-eleitoral.

Vitória feia, explicou ACM na época, seria ganhar em segundo turno ou com uma margem apertada de votos no primeiro turno. Mas há quem ache que feio é perder, o resto é conversa. Ou quem se resigna a que o importante seja competir.

Feio mesmo, para FH, será se fizer um governo de "quatro anos em oito". A expressão, do economista Eduardo Gianetti, uma antítese dos 50 anos em cinco de JK, muito irritou o grupo do presidente quando foi dita, ainda no início da crise. Ela veio e mudou completamente o cenário pintado para o segundo mandato de FH. O importante é "o projeto", dizem ainda os tucanos. Quem o verbalizava mais era Sérgio Motta: FH se reelegeria agora, sem adversários, numa espécie de sagração. O PSDB faria maioria na Câmara e bom número de senadores e governadores. Assim, FH dependeria menos do PFL e do PMDB. Faria um governo social-democrata e desenvolvimentista, cu-

ja glória, em 2002, abriria caminho para o terceiro mandato. Ou para a aprovação do parlamentarismo, que manteria FH no poder como primeiro-ministro. Ele ou outro tucano.

Isso hoje são quimeras. FH tem um livro bonito como programa de governo, mas ele não bate com as contas públicas nem com o aviso de que haverá sacrifícios. O acordo com o FMI está sendo negociado e exigirá monitoramento e sujeições. A recessão está nas contas dos economistas, com tudo que ela traz de feio.

Mesmo com FH reeleito, o projeto eleitoral tucano não se concretiza como concebido. O PFL e o PMDB continuarão mandando no Congresso, e é com eles que FH terá de se haver para aprovar o ajuste.

O cenário escuro é lógico, só não combina com a trajetória de FH, em que o infortúnio costuma esconder a sorte. Como a crise, que consolidou seu favoritismo. Reeleito, seu desafio é compartilhar urgentemente a boa sina com os brasileiros.



Lula

• Falando para uma platéia de elite, o historiador Marco Aurélio Garcia ouviu ao final: "Que pena que nem todos os petistas, e principalmente o Lula, não sejam como o senhor". Ele é culto, sofisticado, bem humorado.

— Os senhores enganam-se. Sobram pessoas como eu, que, tendo tido acesso a tudo, não querem conservar, mas mudar o país. Valor tem Lula, que alcançou uma rara compreensão do Brasil e do mundo tendo vindo de onde veio — respondeu Garcia.

Como aqueles senhores, um pedaço do Brasil não assimilou Lula em 1989 e em 1994, quando teve de 25% a 30% dos votos. Parece irônico que a menor parte dada pelos mais pobres. A escravidão deixou-lhes o gosto pelo superior e a rejeição ao que é igual.

Nesta terceira campanha, Lula acreditou que ampliaria sua fatia eleitoral. Enfim, ele e Brizola se juntavam. Imaginou

que o desastre financeiro, no governo de um presidente de inigualável preparo intelectual, mostraria a relatividade dos diplomas. "Quem sente é que sabe" foi seu mote. Nas pesquisas qualitativas, os eleitores diziam ver nele quem mais compreendia seus problemas. Hoje, dirão o que acham nas urnas.

Se Lula tiver a graça de um segundo turno, nova luta. Se perder, não deve mais disputar a Presidência, mas garante que não será aquilo que FH o considera, um símbolo. Símbolos evocam, substituem as coisas. No seu caso, um sonho de mudança. Não quis representá-lo, tentou concretizá-lo. Já no final da campanha, embora esperançoso, aceitou falar sobre a hipótese de perder: não entrou na política com projeto pessoal. Seguirá nela, que não acaba hoje, certo de que pode ser instrumento. Não só símbolo. Em 2002, sem Lula e sem Brizola candidatos, a esquerda tem que se renovar.



Ciro Gomes

• **Ciro Gomes** poderia ter sido ministro da Saúde de FH. Não foi porque já conhecia a equipe econômica. Seria candidato a desmoralizar-se numa área que já era crítica e sempre candidata a tesouradas. Mesmo com José Serra, continua sendo. Afastando-se, ficou a versão do ressentimento. Pois tendo assumido o Ministério da Fazenda num momento crítico para o Real e para a candidatura de FH em 1994, o das confissões parabólicas de Ricupero, teve de ceder a cadeira a Pedro Malan. Mesmo assim, poderia agora estar sendo eleito governador do Ceará pela segunda vez, pelo PSDB. Seu parceiro Tasso Jereissati iria para o Senado, onde seria mais útil a FH no pos-

sível segundo mandato. E a vida seguiria boa para **Ciro** no berço emplumado do tucano. Uma coisa é sair do navio quando o casco fura, outra é trocá-lo por um bote quando se desconfia da tripulação. Correr riscos e escapar do comodismo é uma boa prova para os políticos.

Quando entrou para o pequeno PPS, apostou-se que ele mal diria "meu nome é **Ciro**". Disse muito mais, apresentou propostas, esteve em 600 cidades, fez-se conhecido, embora se queixe do ostracismo a que a coligação de Lula o relegou até o encontro da semana passada, quando ele começou a crescer. **Ciro** tem um lugar certo na nova oposição e outras eleições para disputar.